

ÊXODO. Trad. Ludovico Garmus. Introdução de David Grossman. Tradução da introdução de José Antônio Arantes. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999. 120p.

Notas sobre uma introdução

Márcio César Pereira *

O ano de 1998 marca o cinquentenário da fundação de Israel, o moderno está judeu. Seguiram-se, a essa data, publicações, filmes e eventos diversos relacionados direta e indiretamente com a comemoração. No Brasil, foi lançada pela editora Objetiva uma pequena coletânea em doze volumes denominada “Os Livros da Bíblia” com edições prefaciadas por diferentes personalidades da cultura, entre elas, o escritor israelense David Grossman, encarregado de fazer a introdução ao livro de “êxodo”.

David Grossman faz parte da primeira grande geração de escritores nascidos em Israel, pós-unificação, cujos trabalhos refletem sua condição nativa de cidadão de Israel, nação reconhecida com fronteiras estabelecidas e localizadas no tempo e no espaço contemporâneo. Grossman é, portanto, um escritor de um país real que, ao avaliar um texto fundador, que é a Bíblia, estabelece, nele, as premissas da criação de seu povo. Talvez por isso, sua reflexão se detenha nos efeitos da formação da identidade judaica.

O êxodo, segundo volume do Pentateuco, é denominado pela palavra hebraica *shemot*, nomes, de acordo com suas primeiras palavras: “Eis os nomes...”. A palavra grega *exodo*, pretende resumir a essência da obra, a saber: a história da libertação do povo hebreu, escravizado no Egito, sua libertação por Moisés, suas errâncias no deserto e seu pacto com Deus.

David Grossman ignora, de certa forma, Moises, esse grande líder, cuja história é detalhada nos primeiros capítulos do êxodo. Ao contrário, ele descreve como uma “outra história mais pungente e pessoal”. Tão pouco se detém nas passagens maravilhosas como a da sarça ardente ou a das famosas pragas, para ele, “uma tessitura quase ilusória de contos de fada com um severo código legal e religioso.” Mesmo reconhecendo a estrutura que sustenta o livro, a fabulação é relativizada e emerge, na introdução de Grossman, outro personagem, o povo escravizado, retirado do Egito e impelido para o deserto e para o seu desconhecido e incerto destino.

Confusão, estranhamento e, sobretudo, temor, assomariam, para o escritor, o povo hebreu no deserto. Para Grossman, ele se encontraria perdido entre o passado de escravidão, física e espiritual, e futuro que se apresenta como incerto. Ele não conhece seu libertador, um estranho que foi criado como um príncipe egípcio e depois viveu como pastor na longínqua Madiã. Tampouco conhecem o Deus caprichoso que os libertou e os alimenta no deserto, um Deus temerário, lembra Grossman, pois “viram como Ele lidara com os egípcios, sabem como Ele pode ser imprevisível, brutal e feroz.” Mudanças drásticas e repentinas teriam, desse modo, forjado, naquela população, a dúvida e a rebelião. A chamada “geração do deserto” é, pois, condenada a extinção.

É comovente como o escritor se compadece daquela geração, lembrada por ele como a “geração do conhecimento”, pois, como diz o *Zohar*, esta teria “testemunhado os extraordinários feitos de Deus”. A identidade do povo judeu teria, assim, sido forjada nos quarenta anos de peregrinação dos hebreus no deserto. Um povo marcado por esse constante mover, ou como afirma Grossman: “O povo de Israel formou-se como resultado de um mandamento para perambular até um novo lugar”.

Tal identidade teria sido forjada, portanto, sobre um paradoxo, o ímpeto de perambular e a nostalgia de um lugar. Para Grossman, essas duas forças geraram no povo hebreu sua grande força para

renascer e continuar, e, também, sua propensão para a vitimização e a tragédia. Israel mudou a visão histórica do divino, por consequência, da natureza. Seu Deus invisível e único, sua errância eterna em busca de uma promessa, sua capacidade de crescer e se reinventar, tornaram tornou-se um enigma tanto para si quanto para os outros povos, diante de uma difícil definição matizada em uma questão cíclica: afinal o que é um judeu? O povo da promessa, o povo de Deus ou o povo escravo de uma metáfora perene?

Grossman lê o êxodo em seu escritório em Jerusalém e se pergunta como é possível que, mesmo hoje, e mesmo por seus habitantes, Israel ainda seja chamado de a “terra prometida”. Ou seja, mesmo naquela data, cinquenta anos passados da formação do estado judeu, seu país ainda está preso ao estigma da “promessa eterna” ou como ele mesmo afirma, à “maldição do eterno”, que paria sobre a identidade e o destino daquela população.

O livro do êxodo é o épico da “grandiosa historiada infância do povo judaico”, mas é, também, o pórtico da face que permanecerá sobre a identidade judaica ainda por milhares de anos. Grossman ao apresentar esse antigo texto, revela como uma história pode ser gregária ao destino daqueles que a construíram, uma prisão tão forte como aquilo que chamamos de realidade.

* **Márcio César Pereira** é Graduado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais.